

TRILOGIA DAS JOIAS NEGRAS – LIVRO TRÊS

A RAINHA DAS TREVAS



ANNE BISHOP



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para Pat e Bill Feidner e Grace Tongue.

RESUMO DE PERSONAGENS

Protagonistas

Jaenelle Angeline é a personagem principal. No primeiro livro, uma menina de 12 anos destinada a se tornar a rainha das trevas.

Daemon Sadi SaDiablo é filho de Saetan e Tersa. Assim como o pai e o irmão, é um príncipe dos senhores da guerra. Escravo sexual nas cortes de Dorothea e de rainhas corrompidas por ela, é o macho mais forte na história dos Sangue.

Saetan Daemon SaDiablo é o senhor supremo do Inferno, sacerdote supremo da Ampulheta e príncipe da guerra de Dhemlan. É pai de Daemon e Lucivar. Depois de Daemon, é o macho mais forte dos Sangue.

Lucivar Yaslana SaDiablo é filho de Saetan e Luthvian, uma eyriena. Assim como o irmão, Daemon, foi escravizado quando adolescente e forçado a servir nas cortes de Dorothea e suas seguidoras. Por conta do temperamento explosivo, é enviado para as minas de sal de Pruul. É o terceiro macho mais forte dos reinos.

Surreal SaDiablo é uma prostituta assassina, filha de Titian.

Dorothea SaDiablo é a incestuosa sacerdotisa suprema de Hayll. Faz parte da assembleia da Ampulheta, formada por viúvas-negras.

Kartane SaDiablo é filho de Dorothea SaDiablo. Em outros tempos, foi amigo íntimo de Daemon, seu primo.

Hekatah, instigadora das guerras entre Kaeleer e Terreille, é uma demônia-morta que se autoproclama sacerdotisa suprema do Inferno. É ex-mulher de Saetan SaDiablo e mãe de Mephis e Peyton.

Robert Benedict alega ser o pai de Jaenelle Angeline. Dirige o hospital conhecido como Briarwood. É também um membro influente do conselho dos machos de Chaillot.

Jóias

Branca
Amarela
Olho-de-tigre
Rosa
Azul-celeste
Violeta
Opala¹
Verde
Azul-safira
Vermelha
Cinza
Cinza-ébano
Negra

Ao fazer a oferenda às trevas, uma pessoa pode descer no máximo três categorias em relação à sua joia de direito por progeneritura.

Exemplo: A branca de direito por progeneritura pode descer até a rosa.

¹ Opala é a linha divisória entre jóias mais claras e escuras, uma vez que pode ser ambas.

HIERARQUIA DOS SANGUE/CASTAS

Machos

PLEBEUS – em qualquer uma das raças, os que não fazem parte dos Sangue.

MACHOS DOS SANGUE – termo geral para todos os machos dos Sangue; designa também todos os machos dos Sangue que não usam joias.

SENHOR DA GUERRA – macho que usa joias, de status equivalente ao de feiticeira.

PRÍNCIPE – macho que usa joias, de status equivalente ao de sacerdotisa ou curandeira.

PRÍNCIPE DOS SENHORES DA GUERRA – macho perigoso e extremamente agressivo que usa joias; na hierarquia, está ligeiramente abaixo da rainha.

Fêmeas

PLEBEIAS – em qualquer das raças, as que não fazem parte dos Sangue.

FÊMEA DOS SANGUE – termo geral para todas as fêmeas dos Sangue; designa também todas as fêmeas dos Sangue que não usam joias.

FEITICEIRA – fêmea dos Sangue que usa joias, mas que não está em nenhum dos outros níveis hierárquicos.

CURANDEIRA – feiticeira que cura ferimentos e doenças físicas, de status equivalente ao de sacerdotisa e príncipe.

SACERDOTISA – feiticeira que zela pelos altares, santuários e altares das trevas; testemunha juras e casamentos; faz oferendas; de status equivalente ao de curandeira e príncipe.

VIÚVA-NEGRA – feiticeira que cura as mentes; tece as teias emaranhadas de sonhos e visões; é versada em ilusões e venenos.

RAINHA – feiticeira que rege os Sangue; é considerada o coração da terra e o centro moral dos Sangue; logo, é o ponto central da sociedade.



PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO UM

1/Terreille

Dorothea SaDiablo, a sacerdotisa suprema de Hayll, subiu devagar os degraus até a grande plataforma de madeira. Era uma bela manhã de início de outono e Draega, a capital de Hayll, ficava bastante ao sul, de modo que os dias ainda eram quentes. O pesado manto preto a fazia transpirar. Sob o grande capuz, seu cabelo estava úmido e o pescoço coçava. Em poucos minutos, o manto não seria mais um problema.

Ao chegar à plataforma, ela viu a lona estendida à frente, junto à multidão ansiosa, e ofegou. Que bobagem. Usara todos os feitiços que conhecia para manter em segredo aquilo que estava debaixo da lona. Forçando-se a respirar normalmente, atravessou a plataforma, detendo-se a alguns centímetros da lona.

As rainhas de todos os territórios do reino de Terreille olhavam para ela com prudência e ressentimento. Dorothea exigira que todas trouxessem suas duas rainhas de província mais poderosas e os príncipes dos senhores da guerra que as servissem. Ela estava ciente de que muitas dessas rainhas, sobretudo as dos territórios mais a oeste, esperavam por algum tipo de armadilha.

Bem, elas tinham razão. Se apresentasse a isca da maneira certa, elas cairiam na armadilha sem pensar duas vezes.

Dorothea ergueu os braços. O murmúrio da multidão se transformou em silêncio. Usando a arte para aumentar o volume da voz, ela iniciou seu movimento no jogo do poder.

- Irmãs e irmãos, chamei-os aqui para avisá-los de uma terrível descoberta que fiz recentemente, algo que ameaça os membros dos Sangue em todo o reino de Terreille. No passado, admito que pratiquei ações cruéis. Fui responsável pela destruição de rainhas e de alguns dos melhores machos do reino. Difundi o medo nos Sangue para me tornar o poder dominante de Terreille. Eu, melhor do que ninguém, sei que uma sacerdotisa não pode substituir uma rainha, mesmo que tenha grande domínio e poder na arte. Carregarei o remorso e o peso desses atos até o fim dos meus dias. Mas agora lhes digo o seguinte: fui usada! Algumas

semanas atrás, enquanto utilizava minhas habilidades de viúva-negra para tecer uma teia de sonhos e visões, rasguei sem querer um véu mental que me envolveu ao longo de todos os séculos em que fui sacerdotisa suprema de Hayll. Abri caminho através desse nevoeiro mental e finalmente vi o que minhas teias tentavam me dizer havia muito tempo.

A multidão a observava.

– Alguém pretende dominar Terreille e deseja subjugar todos os Sangue deste reino. Mas não sou eu. Fui o instrumento de um ser maléfico e monstruoso que deseja nos esmagar e reduzir a cinzas, que brinca conosco da mesma forma que um gato brinca com um rato antes de desferir o golpe mortal. Esse monstro tem nome – um nome que, com razão, foi temido durante milhares e milhares de anos. Nosso aniquilador é o príncipe das trevas, o senhor supremo do Inferno.

Ergueu-se um burburinho apreensivo na multidão.

– Duvidam de mim? – gritou Dorothea, arrancando o manto e lançando-o para o lado.

O cabelo branco e fino que até poucas semanas fora espesso e preto caía-lhe pelos ombros. O rosto abatido e enrugado se contorceu e os olhos dourados se encheram de lágrimas enquanto o burburinho dava lugar a exclamações de espanto.

– Vejam o que aconteceu comigo quando lutei para me libertar dos encantamentos ardilosos dele. *Olhem para mim*. Foi este o preço que paguei para avisá-los do perigo.

Dorothea pôs a mão no peito, respirando com dificuldade. Seu administrador deu um passo à frente e segurou-lhe o braço com delicadeza, para ampará-la.

– Você tem que parar, sacerdotisa. Sua saúde...

– Não – arfou Dorothea, ainda usando a arte para amplificar o som da voz. – Preciso dizer tudo a eles enquanto consigo. Posso não ter outra oportunidade. Assim que ele descobrir que eu sei...

A multidão ficou em silêncio. Baixando a mão, Dorothea se endireitou o melhor que pôde, ignorando a dor na coluna.

– Não fui o único instrumento do senhor supremo. Entre vocês há quem tenha tido a infelicidade de ter Daemon Sadi ou Lucivar Yaslana servindo em suas cortes. Que as trevas me perdoem... Eu enviei esses monstros para territórios frágeis, e rainhas morreram por causa deles. Cortes inteiras foram destruídas. Tanto eu como Prythian, a sacerdotisa suprema de Askavi, pensávamos que os enviávamos por nossa própria vontade, na esperança de que pudessem ser controlados. No entanto, fomos manipuladas. *Eles são os filhos do senhor supremo!* São a descendência daquela criatura brutal e se tornaram suas ferramentas

de destruição. O controle que julgávamos exercer sobre os dois não passava de mera ilusão. Ambos desapareceram há muitos anos. A maioria de nós esperava que tivessem morrido, mas não foi o caso. Fui informada por alguns corajosos irmãos e irmãs que vivem atualmente na Pequena Terreille, no território de Kaeleer, que tanto Yaslana como Sadi estão no reino das sombras, onde o senhor supremo tem vivido sob o disfarce de príncipe dos senhores da guerra de Dhemlan. As crias da víbora voltaram ao ninho. Mas não é só isso. O senhor supremo exerce uma influência nefasta sobre a maioria das rainhas de territórios em Kaeleer e controla uma jovem mulher que é a rainha mais poderosa de todos os reinos. Com a força dela a seu serviço, ele pretende nos dominar. A menos que *ataquemos primeiro*. Não temos escolha, irmãos e irmãs. Se não destruímos o senhor supremo e todos os que o servem, as crueldades que pratiquei parecerão brincadeira de criança.

Dorothea fez uma breve pausa.

– Muitos de vocês têm amigos ou entes queridos que fugiram para Kaeleer a fim de escapar da violência que tem sufocado Terreille. Vejam o que aconteceu a muitos dos que correram para os braços sedutores do senhor supremo.

Usando a arte, Dorothea afastou abruptamente a lona que cobria a parte da frente da plataforma. No mesmo momento, colocou a mão sobre a boca para não vomitar, enquanto moscas voavam sobre os corpos mutilados.

Os gritos tomaram conta do ambiente. Um guincho pungente de dor e de raiva se sobrepôs às outras vozes. Depois outro, e mais outro, à medida que as pessoas junto à plataforma reconheciam uma joia ou o que restava de um rosto.

Novamente utilizando a arte, Dorothea voltou a colocar a lona sobre os corpos, com delicadeza. Aguardou vários minutos até os gritos se tornarem soluços reprimidos.

– Quero que saibam de uma coisa: usarei toda a arte que aprendi e cada gota de força que tenho para derrotar esse monstro. Sozinha, porém, certamente serei vencida. Se nos mantivermos unidos, teremos chance de nos livrar do senhor supremo e daqueles que o servem. Muitos de nós não sobreviverão a esta batalha, mas nossos filhos... – A voz ficou embargada nesse momento. Dorothea levou um momento antes de prosseguir. – Mas nossos filhos conhecerão a liberdade.

Virando-se, tropeçou. O administrador e o mestre da guarda a ajudaram a atravessar a plataforma e descer os degraus. Enquanto instalavam Dorothea cuidadosamente na carruagem aberta para a curta viagem de volta à mansão, tinham lágrimas nos olhos, que denotavam um orgulho feroz. Quando tentaram acompanhá-la, ela balançou a cabeça.

– Fiquem. Suas obrigações estão aqui – afirmou, debilmente.

– Mas, sacerdotisa... – protestou o mestre da guarda.

– Por favor – disse Dorothea. Os dois serão mais úteis para mim se ficarem. – Invocando um pedaço de papel dobrado, entregou-o ao administrador. – Se estas rainhas pedirem para falar comigo, marque uma audiência para esta tarde.

Dorothea viu o protesto nos olhos do administrador, mas ele permaneceu calado. O cocheiro incitou os cavalos. Dorothea se recostou e fechou os olhos para esconder a satisfação. *Bem, seu filho da puta desgraçado, a primeira jogada foi minha. Agora não há nada que possa fazer que não possa ser usado contra você.*

2/Terreille

A pesar do calor matinal, Alexandra Angelline tremia enquanto esperava Philip Alexander voltar da verificação dos corpos dilacerados que jaziam na plataforma de madeira. Lançou um feitiço de aquecimento no pesado xale de lã, mesmo sabendo que isso de nada serviria. Nenhuma fonte externa de calor aqueceria o frio dentro dela.

É cedo demais, pensou, desesperada. Wilhelmina atravessou o portão ontem de manhã. Ela não pode estar entre...

Vania e Nyselle, as duas rainhas de província que havia trazido, já tinham voltado à estalagem com seus acompanhantes. Não tinham se oferecido para aguardar com ela. Alguns anos atrás – algumas *semanas* atrás – teriam feito isso. Naquela época acreditavam em Alexandra, apesar dos problemas em sua família.

Semanas antes, porém, alguém enviara mensagens secretas às trinta feiticeiras mais fortes de Chaillot – mas não a ela e à filha, Leland –, convidando-as para uma visita a Briarwood e prometendo resolver o enigma sobre o que acontecera às jovens moças de suas famílias que haviam sido internadas no hospital e tinham desaparecido sem deixar rastro.

Briarwood, que fora construído para acolher e tratar de crianças com distúrbios emocionais, estava fechado desde que uma inexplicável doença começara a afligir dezenas de homens da aristocracia de Beldon Mor, a capital de Chaillot – uma doença que parecia ter relação com aquele lugar.

As feiticeiras chegaram na noite indicada e descobriram os segredos e os horrores de Briarwood. A guia, uma jovem demônia-morta chamada Rose, foi implacável ao lhes mostrar os fantasmas. Uma sacerdotisa encontrou encerrada entre paredes a prima desaparecida desde criança. Uma rainha de província reconheceu o que restava da filha de uma amiga.

Viram as salas de jogos. Viram os cubículos com as camas estreitas. Viram a horta e a moça com a perna amputada.

Estarrecidas diante do que testemunhavam, as feiticeiras seguiam Rose, que sorria para elas e contava em detalhes como e por que cada criança havia morrido. Rose contou sobre as outras crianças demônias-mortas que foram para o reino das trevas viver com as *cildru dyathe* que restavam. Recitou a lista dos “tios” de Briarwood, os homens que haviam apoiado e usado aquele perverso parque de diversões carnal. E recitou uma lista de feiticeiras quebradas de famílias aristocráticas que tinham sido “curadas” de sua instabilidade emocional – tendo também sido despojadas de seu poder interior – e depois voltado para casa.

Um dos homens que Rose citou foi Robert Benedict, ex-marido de Leland e um importante membro do conselho de machos – um conselho já dizimado por aquela enfermidade misteriosa.

Quando uma curandeira do grupo perguntou sobre a doença, Rose voltou a sorrir e disse: “Briarwood é o belo veneno. Não existe cura para Briarwood.”

Alexandra apertou o xale, mas continuou tremendo.

A raiva que varrera Chaillot o fizera em pedaços. Beldon Mor se tornou um campo de batalha. Os membros do conselho de machos que ainda não tinham sido vítimas da doença foram sumariamente executados. Depois de vários aristocratas terem morrido por envenenamento, muitos outros fugiram para estalagens ou clubes particulares, aterrorizados com a ideia de comer ou beber qualquer coisa que tivesse passado pelas mãos das mulheres de suas famílias.

Ao fim da primeira onda de raiva, as feiticeiras dirigiram sua fúria para Alexandra. Não a responsabilizavam por Briarwood, construído antes que ela se tornasse rainha de Chaillot, mas *sem dúvida* a culpavam pela cegueira. Alexandra havia se empenhado tanto em manter Hayll longe da influência de Chaillot e preservar algum poder diante do conselho de machos que não notara o perigo. Para elas, aquilo era como reclamar com um homem por botar a mão em seus seios depois de ele já ter enfiado o pau entre suas pernas.

Culpavam-na por Robert Benedict ter vivido em sua casa durante tantos anos e ter dormido com sua filha. Se ela era incapaz de reconhecer o perigo diário dentro de casa, como poderia proteger seu povo contra qualquer outro tipo de ameaça?

Culpavam-na por Robert Benedict e por todas as jovens feiticeiras que haviam morrido em Briarwood.

Alexandra se culpava pelo que acontecera com Jaenelle, sua neta mais nova. Permitira que aquela criança estranha e difícil fosse trancada naquele lugar. Não

sabia dos segredos de Briarwood, mas se não tivesse ignorado as histórias fantasiosas de Jaenelle, se as tivesse aceitado como o pedido de atenção de uma criança, ela jamais teria sido internada. Se não tivesse ignorado o ódio da neta pelo Dr. Carvay, teria descoberto a verdade mais cedo?

Não sabia. E era tarde demais para encontrar as respostas.

Agora tinha outro problema familiar. Onze anos antes, Wilhelmina Benedict, a filha do primeiro casamento de Robert, havia fugido depois de uma suposta investida sexual de Robert. Philip Alexander, o meio-irmão bastardo de Robert, havia encontrado a sobrinha, mas se recusara a revelar seu paradeiro. Na época, Alexandra ficara furiosa com ele por manter a localização de Wilhelmina em segredo. Agora, vinha se perguntando se Philip teria alguma ideia do que se passava por baixo do véu de Briarwood, sobretudo porque ele havia tido um papel determinante no fechamento do local.

Há dois dias, recebera uma carta de Wilhelmina, na qual a menina dizia estar indo para Kaeleer, o reino das sombras. Não – agora Wilhelmina tinha 27 anos, já não era uma menina. Não importava. Não deixava de ser da família. Não deixava de ser sua neta.

Alexandra balançou a cabeça para interromper a linha de raciocínio e reparou que Philip vinha em sua direção. Prendendo a respiração, procurou seus olhos cinza.

– Não está lá – disse ele calmamente.

Alexandra suspirou.

– Graças às trevas – respondeu ela, porém compreendendo o que não havia sido dito: *ainda não*.

Philip lhe ofereceu o braço. Alexandra aceitou, agradecida. Philip era um bom homem, o oposto de seu meio-irmão. Ela ficara feliz quando Leland e ele ficaram noivos.

Alexandra olhou para trás, para a plataforma de onde Dorothea proferira aquele horripilante discurso.

– Acredita nela? – perguntou baixinho.

Philip a conduziu através de aglomerados de pessoas ainda chocadas demais para fazer outra coisa além de ficar abraçadas, reunindo coragem para olhar os corpos mutilados.

– Não sei. Se metade do que ela diz for verdade... Se Sadi... – Ele engasgou.

Alexandra ainda tinha pesadelos com Daemon Sadi. Philip também, por outros motivos. Sadi a ameaçara quando Jaenelle foi internada em Briarwood pela última vez. Ao libertar seu poder negro para quebrar o anel de obediência, ele havia destruído metade dos Sangue com joias de Beldon Mor. Apanha-

do por essa explosão, a força de Philip regredira para sua joia verde de direito por progeneritura.

– Podemos pegar uma carruagem esta noite – disse Philip. – Se comprarmos passagem em uma carruagem que viaje pelos ventos mais escuros, estaremos em casa amanhã.

– Ainda não. Gostaria que falasse com o administrador de Dorothea antes. Tente marcar uma audiência.

– Você é a rainha – disparou Philip. – Não deveria ter que suplicar por uma audiência com uma sacerdotisa, não importa quem...

– Philip. – Ela apertou o braço dele. – Agradeço a sua lealdade, mas neste momento nós *somos* suplicantes. Não posso me dar ao luxo de mais suposições. Não estou convencida de que Dorothea não seja o monstro que sempre aparentou ser, mas estou *plenamente convencida* de que o senhor supremo representa uma ameaça maior. – Sentiu um arrepio. – Temos que ir a Kaeleer procurar Wilhelmina. E não podemos ir lá sem ter todo o conhecimento possível sobre o inimigo.

– Está bem – disse Philip. – E Vania e Nyselle? Vão com a gente?

– Se elas desejarem, sim. Com certeza não se importarão com o que eu fizer. – Suspirou. – Quem diria, um mês atrás, que eu precisaria considerar a ideia de ter Dorothea como aliada?

3/Terreille

Kartane SaDiablo perambulava pelos jardins, esforçando-se para ignorar os olhares inquisitivos ou de piedade das poucas pessoas que ainda não tinham se recolhido. Aguardara a carruagem de Dorothea desaparecer antes de se afastar da plataforma. Os corpos mutilados ali deixados para uma inspeção macabra não o incomodavam. Dorothea fizera o mesmo – ou pior – com tantas outras pessoas quando estava com vontade de brincar. Mas parecia que ninguém se lembrava disso. Ou talvez a maior parte dos imbecis jamais tivesse testemunhado um dos acessos de fúria da sacerdotisa.

Quanto ao administrador e ao mestre da guarda... Idiotas sem colhões. Tinham *lágrimas* nos olhos enquanto a ajudavam a subir na carruagem. Como podiam acreditar que Dorothea havia estado sob o efeito de um encantamento por todos esses séculos, que não tinha se regozijado com o sofrimento de suas vítimas?

Sem dúvida ela parecia sincera e arrependida, mas Kartane não acreditou nela nem por um momento. Nenhum homem que tivesse sido obrigado a pro-

porcionar prazer sexual a Dorothea teria acreditado. Daemon, por exemplo, não teria.

Daemon. O filho do senhor supremo. Isso explicava bastante sobre seu “primo”. Dorothea sabia disso? E ela escondera essa informação durante todos aqueles anos em que Daemon fora criado como bastardo em sua corte? Isso significava que o senhor supremo do Inferno não nutriria qualquer afeto pela sacerdotisa suprema de Hayll.

O que o trazia de volta às suas próprias preocupações.

A misteriosa doença que começara quase treze anos antes o estava consumindo. Todos os outros homens que haviam desfrutado do parquinho de diversões secreto de Briarwood já estavam debaixo da terra. Por ser haylliano, uma das raças de longevidade prolongada, e por nunca mais ter voltado a Chaillot, ele era o único que restava. Mas seu tempo estava quase no fim.

Algumas semanas antes, depois que fora revelada a ligação entre a doença e Briarwood, ele começara a arquitetar um plano – isso quando não tinha a mente consumida por pesadelos: as únicas curandeiras com poderes suficientes para livrá-lo da doença, e as únicas que não teriam conhecimento do que a provocava, estavam em Kaeleer. Sem dúvida serviriam nas cortes das rainhas dos territórios, que, de acordo com Dorothea, estavam sob o controle do senhor supremo. O que significava que Kartane teria que encontrar algo para comprar o auxílio do senhor supremo. Graças ao discurso de Dorothea, ele dispunha agora de informações que julgava serem do interesse do príncipe das trevas.

Satisfeito com a decisão tomada, Kartane sorriu. Passaria mais alguns dias fajeando informações e depois visitaria o reino das sombras.

4/Terreille

Alexandra Angelline se instalou alegremente na cadeira, aliviada por Dorothea ter optado por uma sala de recepções privada em vez de uma sala de audiências oficial. O encontro já seria bastante difícil sem uma corte cheia de hayllianos zombeteiros.

Estar sozinha com Dorothea, porém, também implicava alguns inconvenientes. Alexandra ouvira dizer que a sacerdotisa suprema de Hayll tinha sido uma bela mulher. Ah, o espectro dessa beleza ainda estava presente, mas havia uma inegável curvatura nos ombros de Dorothea. Manchas de idade apareciam nas mãos morenas, no cabelo e no rosto...

Acontece com todo mundo, mais cedo ou mais tarde, pensava Alexandra enquanto observava Dorothea servir o chá em xícaras finas. Mas como seria se deitar à noite sendo uma mulher em seu esplendor e acordar na manhã seguinte como uma velha de pele enrugada?

– Agradeço... que tenha me concedido uma audiência – disse Alexandra, tentando não se atrapalhar.

Os lábios de Dorothea se curvaram num ligeiro sorriso enquanto passava a xícara de chá para Alexandra.

– Fiquei surpresa que tenha solicitado esse encontro. – O sorriso desapareceu. – Tivemos muitas discordâncias no passado. E, considerando o que aconteceu com sua família, você tem razões para me odiar. – Hesitou, bebeu um gole de chá e prosseguiu calmamente: – A ideia de enviar Sadi a Chaillot foi minha, mas não consigo me lembrar de quem partiu a sugestão ou por que concordei com ela. Sobre essas memórias existe um véu que ainda não consegui romper.

Alexandra levou a xícara aos lábios mas voltou a baixá-la, sem beber.

– Acha que foi obra do senhor supremo?

– Sim. Sadi é uma arma bela e cruel, e o pai sabe usá-la convenientemente. E a verdade é que alcançaram seus objetivos.

– Que objetivos? – inquiriu Alexandra, cheia de raiva. – Sadi destruiu minha família e matou minha neta mais nova. Que objetivo foi alcançado com *isso*?

Dorothea se recostou, bebeu um gole de chá e disse calmamente:

– Você se esquece de uma coisa, irmã. O corpo da jovem nunca foi encontrado.

Alexandra sentiu arrepios diante da expectativa que percebeu no olhar de Dorothea.

– Isso não quer dizer nada. – Pôs a xícara e o pires na mesa, sem tocar no chá. – Não vim aqui para falar do passado. Até que ponto o senhor supremo é perigoso?

– Daemon Sadi é filho dele. Isso responde a sua pergunta?

Alexandra tentou inutilmente disfarçar um calafrio.

– E você realmente acha que ele quer destruir os Sangue de Terreille?

– Não há dúvida. – Dorothea tocou nos cabelos brancos. – Paguei um preço alto para ter certeza disso.

– Minha outra neta, Wilhelmina Benedict, foi para Kaeleer recentemente – informou Alexandra, com delicadeza.

Dorothea enrijeceu.

– Quando foi isso?

– Atravessou ontem o portão.

– Mãe Noite! – exclamou Dorothea, deixando-se cair na cadeira. – Lamento muito, Alexandra. Lamento muito.

– Príncipe Alexander e eu pretendemos ir a Kaeleer assim que aquela “feira de serviços” terminar e voltarem a permitir a entrada de visitantes. Com sorte, conseguiremos encontrá-la e convencer a rainha a libertá-la.

– O perigo que ela corre é muito maior – disse Dorothea, com um ar preocupado.

– Não há qualquer motivo para que Wilhelmina atraia atenção – objetou Alexandra, com a voz estridente de medo. – Não há motivo para aceitar um contrato fora da Pequena Terreille.

– Há dois motivos: o senhor supremo e a feiticeira que ele controla. Se não a encontrarem depressa, Wilhelmina vai parar em seus braços tenebrosos, e então não restará a menor esperança.

Embora a sala estivesse aquecida, Alexandra sentiu um arrepio pelo corpo. Dorothea se limitou a olhá-la por um longo momento.

– Sadi e o senhor supremo atingiram seus objetivos. Ninguém procura um cadáver por muito tempo quando é preciso cuidar dos sobreviventes. E o corpo de sua neta jamais foi encontrado.

Alexandra olhava estarrecida para Dorothea.

– Você acha que *Jaenelle* é a feiticeira poderosa controlada pelo senhor supremo? *Jaenelle*? – Riu amargamente. – Dorothea, *Jaenelle* não era capaz de realizar nem mesmo a arte mais *básica*.

– Se você souber ler nas entrelinhas de alguns dos registros mais... restritos... da história dos Sangue, vai ver que existiram algumas mulheres, muito poucas, que possuíam enormes reservas de poder, mas eram incapazes de extraí-las sozinhas. Elas precisavam de uma... ligação... emocional com alguém com a capacidade de canalizar o poder para usá-lo. Nem sempre, porém, era possível escolher a forma *como* ele era usado. – Dorothea fez uma pausa. – Os rumores mais recentes vindos da Pequena Terreille sobre o bichinho de estimação do senhor supremo a descrevem como “excêntrica” e “emocionalmente perturbada”. Parece familiar?

Alexandra não conseguia respirar.

– Se você decidir agir, darei toda ajuda possível. – Dorothea a olhou com tristeza. – Não dá para ignorar isso, Alexandra. Independentemente daquilo em que você queira pensar ou acreditar, não há como ignorar que a feiticeira de estimação do senhor supremo, a feiticeira que Daemon Sadi ajudou a conquistar, responda pelo nome de *Jaenelle Angelline*.

5/Terreille

Dorothea abriu as cortinas pesadas e escuras e olhou para o jardim envolto na escuridão da noite. Sentia-se exaurida, física e emocionalmente. Ah, como desejara cravar as unhas e arrancar aquele olhar patético e cheio de esperança dos olhos dos machos de seu primeiro círculo. Eles aceitavam de bom grado qualquer desculpa para seu comportamento ao longo dos séculos. Queriam acreditar que fora um *macho* que a tornara cruel, que fora um *macho* que a manipulara e controlara seus pensamentos, que fora um *macho* que estivera por trás de sua ascensão ao poder e das atrocidades que se seguiram e tornaram possível o enfraquecimento da maior parte dos outros territórios de Terreille.

Não queriam lhe dar crédito por nada daquilo. Queriam que tivesse sido uma vítima para que não se sentissem envergonhados por servi-la, para que pudessem fingir que a serviam por uma questão de honra e não por mesquinhez e temor.

Bem, ela promoveria algumas mudanças na corte assim que Kaeleer sucumbisse. Talvez até fizesse com que os idiotas morressem em batalha, asfixiados no sangue da própria honra.

– Você se saiu bem hoje, irmã – disse uma voz dura mas com tom infantil. – Eu mesma não teria feito melhor.

Dorothea não se virou. Quando olhava para Hekatah, a autoproclamada sacerdotisa suprema do Inferno, sentia o estômago revirar.

– As palavras eram suas, não minhas, por isso não me admira que esteja satisfeita.

– Você ainda precisa de mim – disparou Hekatah, arrastando-se para uma cadeira junto à lareira. – Não se esqueça disso.

– Eu nunca me esqueço – respondeu Dorothea baixinho, sem desviar o olhar do jardim.

Fora Hekatah que vira seu potencial quando ainda era uma jovem feiticeira aprendendo os deveres de sacerdotisa e a arte de viúva-negra. Fora Hekatah que lhe acalentara as ambições e os sonhos de poder, que lhe indicara as rivais que poderiam interferir nesses sonhos. E fora Hekatah que ajudara a eliminar essas rivais. A sacerdotisa suprema estivera presente a cada passo, orientando e aconselhando.

Dorothea não conseguia recordar bem o momento em que percebera que Hekatah precisava tanto dela como ela própria de Hekatah. Essa necessidade fizera com que uma desprezasse a outra, mas as duas estavam ligadas pelo sonho de dominar todo um reino.

– Você realmente acha que, depois do que fizemos para controlar Terreille, aquelas rainhas vão acreditar que tudo foi culpa do senhor supremo?

– Se você tiver lançado os feitiços de persuasão da maneira certa, não há razão para acreditarem no contrário – afirmou Hekatah, com um doce veneno na voz.

– Não há nenhum problema com minhas capacidades na arte, sacerdotisa – retrucou Dorothea com igual veneno, virando-se para encará-la.

– Suas capacidades não foram suficientes para impedir o feitiço com que Sadi a envolveu, não?

– Assim como as suas não foram o bastante para protegê-la ou ajudá-la a reverter os danos causados.

Hekatah soltou um silvo de fúria e Dorothea se voltou novamente para a janela, sentindo uma pequena satisfação.

Sete anos antes, Hekatah tentara controlar Jaenelle Angelline e eliminar Lucivar Yaslana. Mas alguma coisa dera errado com o plano e, ao final do embate, ela perdera a capacidade de se passar por viva, o que a fazia parecer um cadáver ressequido e decadente.

Nos primeiros dois anos, ela insistira que era preciso apenas ingerir grandes quantidades de sangue fresco para renovar o corpo. Mas os demônios-mortos eram, de certa forma, espíritos que ainda possuíam energia psíquica de mais para voltar às trevas, portanto estavam retidos em corpos sem vida. Enquanto a energia subsistisse e pudesse ser renovada, o corpo podia ser mantido pela ingestão de sangue. Mas nada iria recuperar a aparência de Hekatah. Nos últimos sete anos o corpo, morto havia cinquenta mil anos, começara a se deteriorar.

– Elas vão acreditar que o senhor supremo é o responsável por todas as perversões de Terreille – afirmou Hekatah, surgindo por trás de Dorothea, tão próxima que era possível ver seu reflexo no vidro da janela, escurecido pela noite. – *Querem acreditar.* É um mito, uma história terrível sussurrada durante milhares de anos. E quem quer que tenha dúvidas em relação ao *senhor supremo*, não terá em relação a Yaslana e a Sadi. A ideia de ver os três unidos usando uma feiticeira poderosa como ferramenta será suficiente para unir Terreille contra Kaeleer. No fim das contas, não importa a *razão* pela qual se juntam à luta, importa apenas que lutem.

– Esta tarde ganhamos uma aliada obstinada. Alexandra Angelline, a rainha de Chaillot. – Um sorriso maldoso surgiu nos lábios de Dorothea. – Ela ficou estarelecida ao descobrir que a neta tem estado sob o domínio do senhor supremo durante todos esses anos graças a Daemon Sadi.

Hekatah franziu a sobrancelha.

– Ela é tola, mas não estúpida. Se convencer Jaenelle a ajudá-la a manter o controle sobre Chaillot...

Dorothea balançou a cabeça.

– Ela não acredita que Jaenelle tenha qualquer poder. Pude ver em seus olhos. Invenitei uma pequena história sobre mulheres com grandes reservas de poder bruto... e ela também não acreditou. É capaz de aceitar o fato de que Sadi e o senhor supremo possam ter desejado Jaenelle por razões perversas, mas continuará acreditando no que *quiser*. Assim que chegar à Pequena Terreille, lorde Jorval estará aguardando para oferecer ajuda. *Nunca* dirá que Jaenelle é a rainha de Ebon Askavi. E duvido que Alexandra acredite no que lhe for dito no Paço, *qualquer* que seja seu interlocutor.

Hekatah deu uma gargalhada de satisfação.

– E imagino que, assim que conhecer o príncipe Saetan Daemon SaDiablo, senhor supremo do Inferno, terá o maior prazer em nos transmitir informações que julgue serem úteis para nós.

– E se ele descobrir sua traição... – Hekatah encolheu os ombros. – Bem, de qualquer forma teríamos de nos livrar dela depois da guerra.

Dorothea olhou fixamente para o reflexo das duas no vidro. Houve um tempo em que tinham sido mulheres encantadoras. Agora, Hekatah parecia um cadáver carcomido por vermes, e ela...

Sadi criara uma espécie de feitiço para envelhecer e deformar o corpo de Dorothea, mas nada fizera para diminuir seu desejo sexual. Os Sangue o chamavam de Sádico, mas ela ainda não havia tido oportunidade de apreciar até onde ia sua crueldade. Sadi conhecia seus desejos – naturalmente, uma vez que, em sua juventude, teve de satisfazê-los. Sabia também a humilhação que Dorothea sentiria ao ver a repulsa nos olhos dos machos que montava em vez daquele misto excitante de luxúria e temor. Agora, depois de sua lacrimosa confissão, nem isso conseguiria obter.

– Chegou a informar suas rainhas de estimação de que terão de se abster dos prazeres mais... imaginativos? – perguntou Hekatah.

– Sim – respondeu Dorothea, irritada. – Se serão comedidas ou não, é difícil dizer.

– As que cederem terão de ser eliminadas.

– E como explicaremos *isso*?

Hekatah emitiu um som de impaciência.

– Obviamente, a influência do feitiço do senhor supremo também se estende sobre elas. Sua heroica luta para se libertar também libertou algumas de suas irmãs, mas, infelizmente, não todas. Basta matar uma ou duas para que as outras compreendam a mensagem e se comportem da maneira apropriada.

– E depois que tivermos vencido?

– Depois que tivermos ganhado, poderemos fazer o que bem entendermos. Dominaremos os reinos, Dorothea. Não só Terreille, mas todos os outros! Terreille, Kaeleer e o Inferno!

Deliciando-se com a ideia, Dorothea nada disse durante vários minutos. Por fim, relutantemente, perguntou:

– Acha mesmo que o temor suscitado pelo senhor supremo será suficiente para dar início a uma guerra? Acha mesmo que isso vai funcionar?

O que restava dos lábios de Hekatah se moveu em um sorriso pavoroso.

– Funcionou da última vez.

6/Kaeleer

A rainha de Aracna se aproximou do ombro da mulher de cabelos louros e ar cansado que se apoiava em um rochedo plano.

Más notícias?, perguntou a grande aranha dourada em sua voz suave.

Jaenelle Angelline afastou o cabelo do rosto e suspirou. Seus perturbados olhos azul-safira se contraíram ligeiramente à luz do sol da manhã, enquanto examinavam mais uma vez os delicados filamentos da teia emaranhada que tecera durante a noite.

– Sim. Uma guerra está a caminho. Uma guerra entre os reinos.

É possível evitá-la?

Jaenelle balançou a cabeça.

– Não, ninguém será capaz de evitá-la.

A aranha se mexeu, inquieta. O ar em volta da mulher tinha gosto de tristeza e de uma raiva fria e crescente.

Os duas-pernas já lutaram antes. É pior desta vez?

– Veja por si mesma.

Aceitando o convite formal, a rainha aracniana abriu a mente aos sonhos e às visões da grande teia emaranhada que Jaenelle tecera entre um rochedo e uma árvore próxima. Tanta morte. Tanto sofrimento e pesar. E uma mancha escura e tenebrosa que maculava os sobreviventes.

Afastando-se dos sonhos e das visões, a aranha examinou a teia em si e reparou em dois elementos estranhos. Um era o delicado anel de prata com uma joia cinza-ébano que fora colocado no centro da teia. Raramente se tecia uma lasca de joia numa teia emaranhada, uma vez que a magia que moldava essas teias era poderosa – e perigosa – o suficiente, e esta joia em particular pertencia a

Jaenelle, que era a feiticeira, o mito vivo, os sonhos tornados realidade. Outro elemento estranho era o triângulo. Muitos dos fios estavam ligados ao anel, mas havia três fios sobrepostos a todos os outros, formando um triângulo em volta do objeto.

Intrigada, a aranha continuou observando a teia. Já tinha visto aquele triângulo. Força, paixão e coragem. Lealdade, honra e amor. Quase conseguia sentir o cheiro forte de macho naqueles fios.

– Se Kaeleer aceitar o desafio de Terreille e entrar em guerra – comentou Jaenelle baixinho –, os Sangue de ambos os reinos serão aniquilados. Todos eles.

Alguns sobreviverão. É sempre assim.

– Desta vez será diferente. Alguns sobreviverão fisicamente à guerra, mas... – Jaenelle ficou com a voz embargada. Respirou fundo. – Todas as minhas irmãs, todos os meus amigos desaparecerão. Todas as rainhas. Todos os príncipes dos senhores da guerra.

Todos?

– Se Kaeleer entrar em guerra contra Terreille, não restarão rainhas para curar a terra e manter os Sangue unidos. A carnificina prosseguirá até não restar mais ninguém. As feiticeiras ficarão tão estéreis quanto a terra. O dom que nos foi oferecido há tanto tempo será a arma que acabará nos destruindo.

Precisa parar a mancha escura e tenebrosa, disse a aranha.

Jaenelle sorriu amargamente.

– A guerra não a deterá. Sei quem lançou e nutriu as sementes, e se matar Dorothea e de Hekatah servisse para impedir o que está por vir, eu as destruiria agora mesmo. Mas isso não evitaria nada. Iria apenas adiar, o que seria pior. Este é o lugar e o momento certos para livrar os Sangue dessa mácula.

Você fala de caminhos que não levam a lugar algum, repreendeu a aranha.

Diz não poder combater mas tem que combater. Está confusa? Talvez tenha lido mal a teia.

Jaenelle virou a cabeça para a aranha, com um olhar divertido e frio.

– E com quem aprendi a tecer? Se não estou lendo corretamente, talvez não tenha sido bem ensinada.

A aranha usou arte para produzir um zumbido irritante que indicava uma séria desaprovação.

Não é culpa da aranha professora se a pequena aranha passa mais tempo papando moscas do que fazendo a lição.

O riso prateado e aveludado de Jaenelle preencheu o ar.

– Eu prestei atenção à aranha professora. Afinal, na época ela *era* a rainha das tecelãs de sonhos.

A rainha aracniana voltou a se acomodar, um pouco mais calma. O humor de Jaenelle desapareceu quando os olhos azul-safira voltaram a examinar a teia.

– Terreille entrará em guerra.

Então Kaeleer entrará em guerra.

– Esta teia mostra dois caminhos – disse Jaenelle serenamente.

Não, retrucou a aranha com firmeza. *Uma teia, uma visão. É assim que é.*

– Dois caminhos – insistiu Jaenelle. – Se seguir o segundo caminho, Kaeleer não entrará em guerra com Terreille e as rainhas e os príncipes dos senhores da guerra sobreviverão para cuidar do reino das sombras e protegê-lo.

Então quem lutará contra Terreille?

Jaenelle hesitou.

– A rainha das trevas.

Mas a rainha é você!

Jaenelle expirou bruscamente.

– Uma guerra que purifique os reinos, acerte dívidas, recupere o dom que foi oferecido. Existe um jeito. *Tem* de existir. Mas a teia ainda não me mostra, por causa disto. – Seu dedo indicava o triângulo. – Este não é o triângulo da rainha. – Com o dedo, delineou o lado esquerdo da forma. – Este fio é o senhor supremo. – Delineou o fio da base. – Este fio é Lucivar. – Seu dedo hesitou no lado direito do triângulo. – Mas este fio não é Andulvar. Devia ser, uma vez que é o mestre da guarda, mas é outro. Alguém que ainda não está aqui, alguém que me guiará às respostas de que preciso para seguir pelo outro caminho.

O fio não diz o nome?

– Diz que o espelho está chegando. Que tipo de resposta é... – Tensa, Jaenelle se pôs de joelhos. – Daemon – sussurrou. – *Daemon*.

A aranha se mexeu, inquieta. A feiticeira saboreara o ar com intenso prazer ao sussurrar aquele nome – porém, sob o prazer havia uma ligeira nota de medo.

– Preciso ir – disse Jaenelle, apressada. – Tenho que passar em alguns territórios antes de voltar ao Paço. – Hesitou. Olhou rapidamente para a aranha. – Com a sua permissão, gostaria de guardar esta aqui por um tempo.

Suas teias são bem-vindas entre as tecelãs de sonhos.

Erguendo a mão, Jaenelle usou a arte para criar um escudo protetor nos fios da teia emaranhada. Virou-se para trás e olhou para a aranha.

– Que as trevas a protejam, irmã.

Desejo-lhe o mesmo, irmã rainha, respondeu a aranha.

A rainha aracniana esperou até Jaenelle tomar um dos ventos, as estradas psíquicas que percorriam as trevas, antes de usar a arte para flutuar com delicadeza em direção à teia emaranhada.

Uma teia, uma visão. Era assim que funcionava. Mas quando a feiticeira tecia uma teia... Usando o instinto e tudo o que havia aprendido, a aranha tocou levemente com uma das patas um dos pequenos fios que flutuavam soltos do anel cinza-ébano. A teia emaranhada desvendou-lhe o segundo caminho.

A aranha recuou bruscamente.

NÃO!, gritou, enviando um fio psíquico de comunicação tão longo quanto possível. *NÃO! Pelo segundo caminho, não!*

Não obteve resposta. Nem uma leve cintilação da mente poderosa da feiticeira que indicasse que ela ouvira.

Não vá por esse caminho!, exclamou a aranha com tristeza, vendo nitidamente para onde o trajeto levaria.

Talvez não. A feiticeira era capaz de tecer teias emaranhadas melhor do que qualquer outra viúva-negra, mas nem mesmo ela era capaz de detectar todos os aromas nos fios.

A rainha de Aracne se virou de volta para a teia e sentiu um leve puxão. Caminhando pelo ar, seguiu o puxão até a ponta do fio presa à árvore. Com cuidado, roçou uma pata no fio.

Cão. O cachorro de pelagem castanha e branca que vira na primeira teia que tecera após a temporada de frio. Pedira à feiticeira que trouxesse o cachorro, Ladvarian, à ilha das tecelãs. Desejara ver esse senhor da guerra – e desejara que ele a visse.

Puxou o fio de Ladvarian e sentiu as vibrações percorrendo a teia. Muitos dos fios ligados ao anel cinza-ébano – os fios dos parentes – começaram a brilhar. Os fios humanos também brilhavam, mas não com a mesma intensidade, com a mesma perseverança. Precisava se lembrar disso. E aquele triângulo...

Com a pata ainda apoiada no fio de Ladvarian, a aranha deixou a mente navegar até a gruta secreta, a gruta sagrada no centro da ilha. Era ali que as rainhas aracnianas iam o tempo todo para ouvir os sonhos – e para tecer as teias especiais que ligavam os sonhos à carne; eram o primeiro passo tangível na criação da feiticeira.

Pequenas teias. Teias maiores. Às vezes apenas uma raça, apenas um tipo de sonhador dava corpo à feiticeira. Outras vezes os sonhadores vinham de lugares diferentes, tendo necessidades diferentes que, de alguma forma, se encaixavam, tornando-se um sonho único.

Quando o tempo do sonho na carne terminava, cessando sua viagem pelos reinos, a rainha aracniana cortava respeitosamente os fios de suporte que mantinham a teia presa às paredes da gruta, enrolava a seda de aranha num novelo e o depositava num nicho para depois, mediante a arte, fazer com que crescessem

cristais sobre a abertura. Havia muitos nichos fechados, mais do que os Sangue humanos poderiam pensar. A verdade era que os parentes sempre se revelaram os sonhadores mais crentes.

Na gruta, havia uma teia que fora iniciada fazia muito, muito tempo. Geração após geração, as rainhas aracnianas teceram um dos fios de suporte dessa teia, escutaram os sonhos e adicionaram mais filamentos. Tantos sonhadores nesta teia, tantos sonhos que se conjugaram para se tornar um só. Havia 25 anos, pelas contas humanas, esse sonho enfim ganhara corpo.

No centro dessa teia especial havia um triângulo. Três sonhadores poderosos. Três fios reforçados tantas vezes que agora eram grossos e extraordinariamente fortes.

E a cada rainha, enquanto devorava a carne de sua predecessora, oferecida de livre vontade, fora transmitida a mesma mensagem: *lembre-se desta teia*. Conheça esta teia. Compreenda cada fio.

A aranha voltou a centrar a atenção na nova teia. Sonhos que se tornaram realidade. Um espírito nutrido nas trevas, moldado pelos sonhos. E uma teia emaranhada, escondida numa gruta repleta de poder ancestral, que guiava esse espírito para o tipo certo de carne.

Houvera ocasiões, depois de ter visto coisas terríveis em suas teias de sonhos e visões, em que a aranha se perguntara se esse espírito em particular teria realmente encontrado a carne certa; em que se perguntara se alguns dos fios não seriam talvez antigos demais. Não, havia uma razão para que esse espírito tivesse sido moldado nesse corpo. O sofrimento e as feridas não eram culpa dos sonhos – nem dos sonhadores.

A aranha extraiu seda do corpo e a ligou cuidadosamente ao fio de Ladvarian.

Então era isso. A feiticeira optaria pelo segundo caminho sem perceber que, ao salvar Kaeleer e seus entes queridos, também destruiria o coração de Kaeleer.

Tinha de haver uma maneira de salvar o coração de Kaeleer.

Tecendo um fio de suporte entre o tronco da árvore e um ramo robusto, a rainha aracniana começou a fazer a própria teia.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br